

**TECNOLOGIA E LINGUAGEM:<sup>20</sup>  
UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NOS DIÁLOGOS ENTRE OS SABERES  
DOCENTE E DISCENTE**

Iolanda da Costa da Silva<sup>21</sup>  
Alessandra Martins Franco Mattos<sup>22</sup>  
Carla Barbosa Rocha<sup>23</sup>

**RESUMO**

Temos como objetivo narrar nossas experiências e aprendizagens em uma escola Municipal de Niterói, no ano 2015, com alunos entre 9 e 14 anos. Alguns dos nossos objetivos: trabalhar a problemática da escassez da água e perceber como as múltiplas linguagens e as tecnologias contribuem no cotidiano escolar. O trabalho teve início após a leitura do livro “O Segredo da Chuva”, de Daniel Mundunruku. Apropriamos-nos de vídeos e músicas, o que nos levou a utilizar diversos artefatos tecnológicos da escola. Tais tecnologias contribuíram na interação dos alunos, levando-nos a perceber que os mesmos tinham conhecimento da problemática da água e de suas responsabilidades. Os artefatos tecnológicos nos ajudaram a dialogar com as múltiplas linguagens facilitando o envolvimento dos estudantes.

**Palavras chaves:** Escola, linguagens, tecnologias

**ABSTRACT**

We recount our experiences and learnings in a Municipal school in Niterói, in 2015, with students between 9 and 14 years. Some of our objectives: working the problems of water scarcity and understand how the multiple languages and technologies contribute in everyday life. The work began after reading the book “*O Segredo da Chuva*” by Daniel Mundunruku (2006). Appropriated videos and music that led us to use several technological artifacts of the school. Such technologies contributed in the interaction of the students leading them to realize they were aware of the problem of water and their responsibilities. The technological artifacts have helped us have a dialogue with the multiple languages by facilitating the involvement of students.

**Keywords:** School, languages, technologies

20 Parte desse texto foi apresentado no Endipe 2016 e IV Seminário Internacional Inclusão em Educação – UP4, 2016.

21 Pedagoga e professora de apoio nos anos iniciais da FME- Niterói. E-mail: iolanda.io.costa@gmail.com.

22 Licenciada em Letras. Pós graduada em Mídias na Educação (UERJ). Professora dos anos iniciais. Da Fundação Municipal de Niterói e de Língua Portuguesa no ensino médio no Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alemattos0912.amfm@gmail.com.

23 Assistente Social no Estado do Rio de Janeiro e professora dos anos iniciais da Fundação Municipal de Niterói. E-mail: ascarlabarbosa@oi.com.br.

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que pensar uma instituição escolar é antes de tudo almejar um lugar que ajude os pequenos cidadãos a se desenvolverem intelectual, social e emocionalmente. Não que tal responsabilidade seja exclusiva da escola, mas faz parte das suas atribuições, pois é um lugar de convivência. A leitura, a escrita e as equações de matemática básica, embora importantes, não podem ser o único foco da escola. Também, é seu papel possibilitar ao discente um autoconhecimento, o reconhecimento do outro como sujeito, aprimorando o olhar sobre as distintas realidades, possibilitando, assim, uma abertura de horizontes para melhorar a convivência humana e a vida de todos.

Abordar e refletir sobre acontecimentos do nosso cotidiano é de grande relevância para o desenvolvimento do senso crítico, político e humano nos estudantes. Afinal, a escola se encontra na cidade, a cidade no país e no mundo, um mundo que influencia a escola. Não podemos separar o mundo da escola ou vice-versa. Buscamos criar diálogos entre os espaços, possibilitando leituras diversas e novas conexões de sentidos. Leituras que acreditamos ser realizadas por estudantes das mais distintas idades e para as quais as linguagens são instrumentos fundamentais.

Entendemos a “linguagem não apenas como a expressão do pensamento ou o instrumento de comunicação (transmissora de informações), mas sim como a mediadora entre o sujeito e a sua realidade” (MOURA, 2009, p. 5389). Podemos mesmo falar em linguagens, visto que nos comunicamos pela música, pintura, palavras, danças, pelo olhar, pelo toque... Até mesmo o silêncio é uma forma de comunicação. São várias as maneiras de comunicação que nos envolvem e que podem promover uma interação dinâmica cercada de aprendizagens. A “[...] escola precisa ter a capacidade de interagir com todas elas, fazendo-se palco do grande diálogo de linguagem e de códigos que, porque existem na sociedade, precisam estar presentes na escola, [...]” (LAJOLO,<sup>24</sup> 1996, p. 5 Apud MOURA, 2009, p. 5389).

---

24 LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual do usuário. Em aberto: O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, v. 16, n. 69, 1996, jan.fev.

A linguagem, por vezes, se mostra como uma arte sem limitações, sem regras. Tais afirmações podem ser percebidas ao caminharmos pela cidade e observarmos os muros pixados – estas que podem ser artes; mensagem de amor; de revolta e despedidas. Há sempre uma mensagem. Também podemos visualizar outras comunicações sem palavras e, às vezes, quase sem gestos, assim, como observamos nas estátuas humanas – permanencem parado a esperar por algo, e quando este é ofertado o agradecimento vem em pequenos gestos. Essas linguagens estão carregadas de uma comunicação que nem sempre são percebidas e estão carregadas de fatos históricos. Moura (2009) explicita que “mediante uso da linguagem é que damos sentido ao mundo vivido e, por isso a mesma se constitui em um canal pelo qual a aprendizagem pode acontecer” (p. 5389). As experiências podem ser compartilhadas, os desejos e sentimentos visibilizados, tensões desfeitas ou, infelizmente, estabelecidas, pois uma palavra mal interpretada ou dita em momentos inadequados tende causar danos que podem ir de um simples mal entendido a conflitos entre nações. A linguagem é ativa e transformadora.

A linguagem é necessária para a existência de um grupo, um país, etc. e para a sua continuidade. Após tais reflexões buscamos articular com as múltiplas linguagens visando um início de ano permeado de diálogos voltado para problemática da água, nosso bem tão precioso e insubstituível.

O trabalho, aqui descrito, começou a pedido da diretora e da pedagoga de uma escola do município de Niterói- RJ, em 2015. Almejou-se realizar um projeto escolar que alcançasse todas as turmas de uma forma interdisciplinar. Os distintos professores abordariam a problemática segundo as suas especificidades, mas dialogando entre si. Entretanto descreveremos as ações que se deram com os alunos do 5º ano e da turma de aceleração<sup>25</sup> durante 3 (três) meses. Os estudantes tinham entre 9 e 15 anos. Entre eles havia três estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (NEE)<sup>26</sup> que não dominavam a leitura e a escrita, um deles era deficiente físico.

---

25 A aceleração é um projeto que se propõe recuperar os alunos considerados “incapazes” de acompanhar o ensino. (Hanff, *et al*, 2002, p.1)

26 **CAPÍTULO II DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS Art. 5º** As necessidades educacionais

## CAMINHADA DIALÓGICA

Integradas ao projeto de pesquisa, docência e extensão “As ‘artes de fazer’ a educação em ciclos: as tecnologias nas escolas 2015”, coordenado por Rejany dos S. Dominick. Visávamos uma experiência instituinte, “de formas a aprender e ensinar, com curiosidade e empatia em relação à vida e com um sentimento de solidariedade aberto às incluídas” (LINHARES, 2007, p 145). Seguindo o caminho instituinte, almejávamos fazer um resgate de como os primeiros habitantes do Brasil, os índios, se relacionavam com a natureza.

Objetivou-se a potencialização dos saberes e as novas aprendizagens que contribuíssem para o despertar de uma nova concepção de mundo, uma nova relação homem natureza, não somente para estudantes mas, para nós professores. Tínhamos a consciência de que as crianças tendem a seguir os exemplos que lhes são apresentados, estes podem ser bons ou ruins. É sabido que a escassez da água não é provocada por um pequeno grupo, há as empresas, o desperdício de água pela própria população e a falta de manutenção das tubulações. Não que os estudantes estejam totalmente isentos da responsabilidade, mas a atual situação da problemática da água é o resultado de um desperdício associado com a destruição da natureza que vem de anos atrás.

Na escola, podemos focar nas questões da natureza, do poder público e também dos grupos sociais e dos indivíduos. Naquele momento optamos por focar o problema da cidade nas práticas dos sujeitos ordinários, que podem sofrer uma certa cegueira também sobre suas maneiras de estar no mundo. Não buscamos a

---

especiais são definidas pelos problemas de aprendizagem apresentados pelo aluno, em caráter temporário ou permanente, bem como pelos recursos e apoios que a escola deverá proporcionar, objetivando a remoção das barreiras para a aprendizagem. Art. 6º Será ofertado atendimento educacional especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais decorrentes de: I. dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionadas a distúrbios, limitações ou deficiências; II. dificuldades de comunicação e sinalização demandando a utilização de outras línguas, linguagens e códigos aplicáveis; III. condutas típicas de síndromes e quadros psicológicos neurológicos ou psiquiátricos; IV. superdotação ou altas habilidades que, devido às necessidades e motivações específicas, requeiram enriquecimento, aprofundamento curricular e aceleração para concluir, em menor tempo, a escolaridade, conforme normas a serem definidas por Resolução da Secretaria de Estado da Educação. DELIBERAÇÃO N.º 02/03. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/deliberacoes/deliberacao022003.pdf>. Acesso: 24/04/2016.

culpabilização, algo comum em campanhas governamentais, mas sabemos que as ações diárias, sejam elas boas ou ruins, se tornam rotineiras e não mais refletimos sobre as mesmas. Naturalizamos na convivência alguns gestos destrutivos, impossibilitando-nos a reflexão sobre os mesmos. Almejávamos despertar nos discentes a reflexão sobre suas práticas cotidianas. Assim, juntamente, poderíamos rever nossos atos em busca de um melhor uso da água e o seu reaproveitamento.

Trabalhando com os princípios da metodologia de pesquisa interativa, dialogamos com Thiollent. Este afirma que este tipo de pesquisa possui “um caráter participativo pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada” (1997, p. 21). Como estávamos aprendendo-ensinando, demandou-nos a elaboração de objetivos de ensino e de pesquisa, pois sabemos que o caminho da aprendizagem é uma via de mão dupla, onde todos aprendem e ensinam. Buscávamos com o projeto estimular conversas sobre as consequências de nossos atos na natureza e refletir sobre a necessidade e urgência de mudarmos nossas ações cotidianas visando menor agressão à natureza. Como objetivos de pesquisa, queríamos compreender como as múltiplas linguagens e as tecnologias poderiam contribuir, de forma significativa no cotidiano escolar para atingirmos nossos objetivos de ensino e entender como os alunos se percebiam diante da problemática da escassez da água pela qual estava passando a cidade.

Fazenda (2008), foi outra teórica com quem dialogamos, visto que o problema no qual estávamos trabalhando demandava uma racionalidade interdisciplinar, que tem o intuito de “alicerçar-se no diálogo e na colaboração, fundar-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e exercita-se na arte de pesquisar” (p.69).

E, com a colaboração de todos, buscamos um trabalho criativo, articulando linguagens e tecnologias distintas para comunicar e informar sobre a falta de água na cidade e o que seria possível cada cidadão fazer para que o problema pudesse ser superado. Para tal, o diálogo foi essencial. Não só entre nós os docentes, mas entre os estudantes entre si e conosco.

## **NOSSA “ARTE DE FAZER”**

Houve a necessidade de encontros semanais para discutirmos nossas ações, trocarmos experiências e tirarmos as dúvidas. Durante as nossas buscas por materiais de apoio, uma professora nos indicou a leitura do livro "O Segredo da Chuva", de Daniel Munduruku (2006). Achamos o livro relevante e apropriado para ser o “fio condutor” do trabalho. Após a escolha do livro tivemos mais um período para conversação e reflexões. Tais encontros nos levou a busca por vídeos, filmes, música, dentre outros materiais na *internet*.

A cada estudo feito e novos materiais encontrados, o desejo de nos apropriarmos de todos aumentava e, ao mesmo tempo, tais instrumentos de apoio nos assinalavam possíveis caminhos para nos apropriarmos das distintas linguagens. Ansiávamos por um trabalho dinâmico, o que facilitaria a participação de todos ou quase todos os envolvidos, pois somos uma escola inclusiva.

Pensando na diversidade de linguagem, nos apropriamos de todos os artefatos tecnológicos disponíveis na escola. Tecnologias estas que, por vezes, não as vemos como tal, pois já estamos tão habituados com as mesmas em nosso cotidiano. São as tecnologias tradicionais, pois “há muito tempo, usamos tecnologias como o lápis, os cadernos [...]” (Dominick, 2014, p. 2), ainda, temos os livros, quadro negro, dentre outras. Também, encontramos os artefatos tecnológicos mais modernos tais como computador, data show, notebook, máquina fotográfica e celular.

Para além do diálogo com os artefatos tecnológicos, buscamos dialogar com a “tecnologia social”. Rodrigues e Barbieri (2008) afirmam que “a tecnologia social implica a construção de soluções de modo coletivo [...]” (2008, p. 1075). A preocupação com processo de produção da tecnologia social, embora não prescindida de aspectos gerenciais, volta-se prioritariamente para a emancipação dos atores envolvidos, tendo no centro os próprios produtores e usuários dessas tecnologias. Dito de outro modo, a tecnologia social implica a construção de soluções de modo coletivo pelos que irão se beneficiar dessas soluções e que atuam com autonomia, ou seja, não são apenas usuários de soluções importadas ou produzidas por equipes especialistas, a

exemplo de muitas propostas das diferentes correntes da tecnologia apropriada. Uma definição de tecnologia social proposta no site e pelo Instituto de Tecnologia Social<sup>27</sup> é a seguinte: “um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida”.

Ao dialogarmos com Dominick (2015), percebemos que estávamos desenvolvendo uma tecnologia social. A autora refletindo Bhabha (1998) explicita que:

Corremos riscos, acreditávamos que o risco é a possibilidade de nos implicarmos corporificadamente com as incertezas do futuro. E, como nos propõe Bhabha (1998), é preciso tocar o futuro do lado de cá, pois o tempo não é uma linha sequencial e ininterrupta de passado, presente e futuro, como nos fez acreditar o projeto hegemônico Moderno. O presente é o momento que toca o passado e o futuro. É no presente, todavia, que podemos romper com os fios que transportariam ao futuro “os destinos”. Não acreditamos que “destino” seja algo predito, mas um caminho a ser percorrido pelos muitos sujeitos transitórios, como professores sabedores e não-sabedores, como sujeitos em transformação, sujeitos moventes que não têm os saberes “verdadeiros”, que não são repetidores de técnicas, mas sim sujeitos políticos, pesquisadores de si, da natureza, das relações sociais e dialogadores com a multiplicidade que vem sendo encontrada pelo caminho (2015, p. 6).

É neste sentido que ser docente articula artesanato e técnica, conhecimentos científicos e saberes cotidianos. Nós professores vamos produzindo “artes de fazer” a Educação, como bem nos ajuda a refletir Certeau (1994).

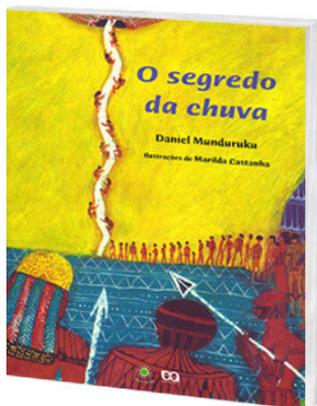
E, assim, buscamos uma melhor interação da escola com mundo, com a cidade, criando possibilidades para nos sentirmos fazendo parte, contribuindo para o despertar de um senso de responsabilidade que ajudará o espaço onde vivemos a se manter apropriado para nossa existência ou não

---

<sup>27</sup> <http://www.itsbrasil.org.br/conceitos/tecnologia-social>

## LINGUAGENS E TECNOLOGIAS EM DIÁLOGO

Começamos lendo o livro,<sup>28</sup> tanto para a turma do 5º ano, quanto para aceleração. Após a leitura, conversamos sobre a ideia central do mesmo. Entretanto, depois as turmas seguiram por caminhos distintos, mas que, ao mesmo tempo, se cruzavam.



Os alunos do 5º fizeram um resumo em conjunto, em que cada aluno falava de forma livre sobre o que tinham compreendido da história. A princípio, o grupo ficou um pouco tímido. Acreditamos que eles tenham estranhado essa forma de trabalhar pois, geralmente, cada um faz a sua leitura, depois fala brevemente sobre o texto ou responde a algum questionário. Desta vez eles tinham que se expressar livremente. Podiam falar do livro e, ao mesmo tempo, questionavam sobre alguns acontecimentos da cidade e da escola e tiravam dúvidas.

Durante a conversa, os próprios alunos faziam uma relação do livro com a problemática vivida, por todos nós, devido à escassez da água. Falavam sobre a estiagem e alguns relatavam a situação nas casas deles. Um aluno falou: “na minha

---

28 **SINOPSE:** Lua nasceu predestinado. Mas até o momento de sua partida, ninguém sabia qual seria a incumbência de vida do menino. A revelação veio na forma de uma curiosidade sem fim; como fazer chover? A ficção criada pelo autor indígena reporta-se aos mitos indígenas e é reveladora em sua pureza. Lua traz dentro de si a semente de um mundo melhor. E por isso sua tarefa é concluída com sucesso. Após muitas aventuras perigosas na selva, Lua finalmente encontra o temido deus da chuva. Cansado, mas confiante, o garoto passa por mais uma prova. É preciso formular três perguntas impossíveis de serem respondidas pelo senhor do tempo e, assim, receber o dom de fazer chover. Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/p/o-segredo-da-chuva-5009144>. Acesso: 22/02/2016.

casa não falta água”.

Outros falavam que não estava caindo água, mas tinham poço. Os alunos falaram que viam pessoas levando o carro com a borracha aberta enquanto outros estavam sem água, que era um desperdício de água.

Achamos relevante conversamos e explicamos que a falta d'água também prejudica o recebimento de energia elétrica. Depois cada aluno fez um desenho da parte que mais gostou da história. O resumo do livro em coletivo foi registrado por todos. Segue em anexo o mesmo.

Enquanto isso, o grupo da aceleração, após a leitura do livro, ouviu músicas em que as temáticas estavam voltadas para a água, foram elas: Oh! Chuva (Fala Mansa, 2001) e Planeta Água (Guilherme Arantes, 2005). Procuramos construir um diálogo entre as músicas e delas com o livro. Abrimos espaço para a discussão sobre a problemática da água, quais eram as causas e como poderíamos contribuir para mudar o quadro da escassez da água.

A opção por usar música com esse grupo deveu-se ao nosso diálogo com Chiarelli e Barreto (2005), que nos ajudam a refletir sobre os benefícios da linguagem musical, pois “a presença da música na educação auxilia a percepção, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se ainda com habilidades linguísticas [...] ajudam o educando a se reconhecer e a se orientar melhor no mundo” (p. 11).

Almejavamos trabalhar as consequências mais graves da falta de água tais como a fome, as secas e a miséria, mas não queríamos mostrar cenas fortes que frequentemente aparecem nos meios de comunicação. Achamos que a música seria uma linguagem mais apropriada.

## **SEGUEM ALGUNS TRECHOS DAS MÚSICAS**

### **Oh! Chuva – Fala Mansa**

[...]

Oh chuva, eu peço que caia devagar só molhe esse povo  
de alegria para nunca mais chorar, para nunca mais  
chorar, para nunca mais chorar

[...]

**Terra planeta água - Guilherme Arantes**

[...]

Água que nasce na fonte serena do mundo

E que abre um profundo grotão

Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão

Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão

Águas que banham aldeias e matam a sede da população

Águas que caem das pedras no véu das cascatas, ronco de trovão

E depois dormem tranquilas no leito dos lagos, no leito dos lagos

[...]

Primeiro ouvimos as músicas e depois começamos a conversar com os alunos sobre as mesmas. Dialogamos sobre a região do sertão, quem são os sujeitos que lá vivem e como eles vivem. Estabelecemos um diálogo e os estudantes foram compartilhando seus saberes a respeito do povo sertanejo. Falaram que muitos morriam de fome, pois as plantações secavam, relatavam sobre as cenas tristes de crianças magras e pessoas doentes que são mostradas no jornalismo. No quinto ano, os alunos também abordaram esta mesma problemática – a seca no sertão.

Depois, em conjunto trabalhamos com os vídeos encontrados no *Youtube* – “Uma viagem no tempo” – Turma da Mônica<sup>29</sup> e “Um plano pra salvar o planeta” – Chaves – Ep. 031.<sup>30</sup> A relevância de trabalharmos com filmes é percebida pelo envolvimento que essas produções podem promover e as distintas emoções que são despertadas naqueles que assistem.

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta [...]. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo (MORAN, 1995, p.2).

São imagens que falam e que nos permite sentir, ser e viver com o outro e pelo outro.

Com os vídeos, trabalhamos com situações do nosso cotidiano, procuramos nos apropriar dos acontecimentos semelhantes aos do nosso dia-a-dia e, assim,

---

29 <https://www.youtube.com/watch?v=zjqcwkEX-ao&index=6&list=PLACB097E694F99C35>

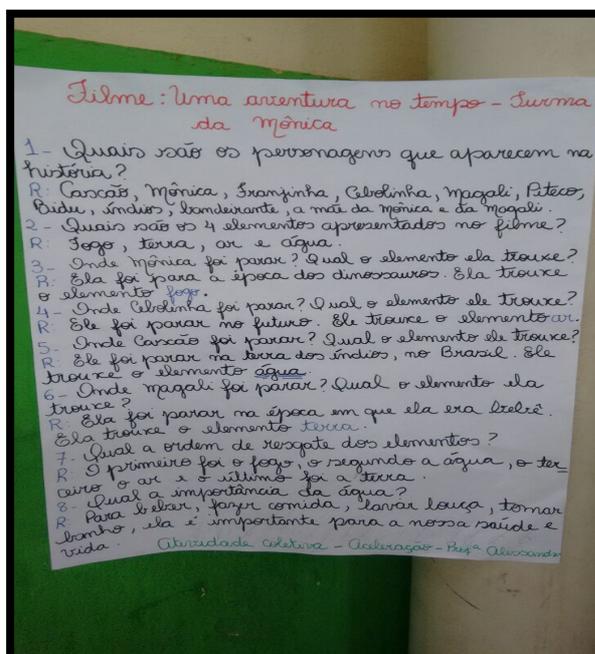
30 <https://www.youtube.com/watch?v=a5vCEhRvEqg>

promover outros debates buscando contribuir nas reflexões dos estudantes de como solucionar ou amenizar a falta da água na cidade e sua relação com o campo. Durante algumas dessas conversações, alguns alunos nos relataram possíveis soluções para amenizar a falta d'água, algumas bem conhecidas, outras nem tanto:

- Não manter a torneira ligada direto, enquanto se escova o dente e lavando as mãos;
- Colher neblina;
- Usar água da chuva.

Com a turma da aceleração, também foi elaborado um quadro com perguntas para guiar a conversa. Procurando provocar mais um trabalho interdisciplinar, falamos sobre os quatros elementos da natureza (água, terra, fogo e ar) e explicamos cada um deles. A abordagem da problemática da água ocorreu por último.

Figura 1



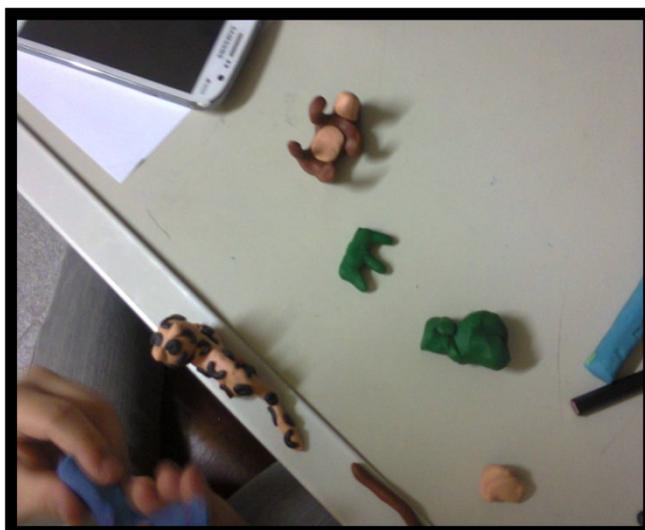
Quadro com as perguntas confeccionado pela professora da turma de aceleração.

Depois de alguns meses de trabalho e reflexões sobre o resultado, que por sinal foi positivo, resolvemos fazer uma releitura do livro de de origem ao trabalho. A turma de aceleração fez o cenário com massinha para modelar e a turma do 5º ano participou com a gravação do resumo do livro.

Começamos fazendo os bonecos e os cenários. Os próprios alunos se organizaram e cada um trabalhou segundo as suas habilidades.

### Com a mão na massa

**Figura 2**



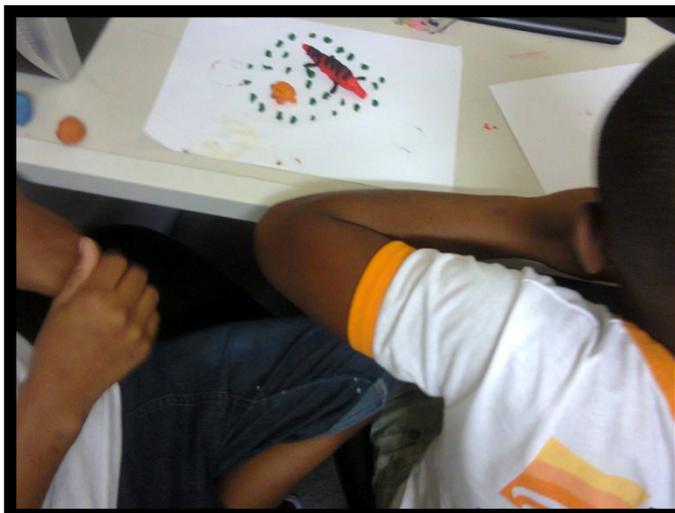
Uma aluna confeccionando o macaco, onça, dentre outros animais.

**Figura 3**



Elaboração da capa

**Figura 4**



Construção de uma parte do cenário.

Depois dos personagens e os cenários pontos, começamos a remontar os cenários da história e em seguida a fizemos as fotos. Enquanto isso, alguns alunos do 5° faziam a gravação do resumo do livro. Escolhemos 8 alunos para fazerem as leituras e a gravação das vozes foi feita com o auxílio de um celular.

Algumas fotos do cenário e a capa:

**Figura 5**



Figura 6



Figura 7



No final, juntamos as fotos e as gravações para trabalharmos com os materiais no *Movie Maker*, um programa do computador para fazer vídeos. Durante a finalização do trabalho não foi possível a participação dos alunos, o que lamentamos, mas a demanda de detalhes e tempo necessário foi o nosso maior limitador. O vídeo foi postado no *YouTube*<sup>31</sup> com a permissão da escola. Foi um trabalho que nos surpreendeu, pois cada estudante participou dando o melhor de si de forma organizada e respeitosa.

## CONCLUSÃO

Sempre há possibilidades de viver de formas diversas, mas é preciso, sobretudo, identificar que a água é mais do que um líquido, é mais do que um bem privado, é mais do que um direito de alguns: a água é um bem indispensável à vida, seja na floresta, no campo ou nas cidades. Indispensável à vida humana e também dos animais e dos vegetais.

Em nossas ações buscamos possibilitar às crianças um diálogo sobre a água e sua importância para a vida no planeta e, em especial, nas cidades. Trabalhamos questões interdisciplinares. Conseguimos desenvolver com os estudantes uma gama complexa de conhecimentos, em articulação interdisciplinar: abordamos as regiões brasileiras; ciência – a relação homem natureza; arte – experiência estética musical mensagem musical; conhecimentos políticos e éticos tais como direitos e deveres...

Percebemos através das conversas com os estudantes a relevância em abrimos espaços ao diálogo sobre o nosso cotidiano. Tais conversações nos permitiram descobrir que o estudante, em alguns assuntos, tem mais conhecimentos do que imaginamos. Apreendemos que estes conheciam as causas da escassez da água e possíveis soluções ou melhoria para a problemática. Eles não estavam alheios à situação da escassez da água na cidade.

---

31 [https://www.youtube.com/watch?v=\\_vKxiHe3puU](https://www.youtube.com/watch?v=_vKxiHe3puU)

O fato de nos apropriarmos das distintas linguagens e tecnologias tornou o trabalho dinâmico, mesmo diante da abordagem do mesmo assunto repetidas vezes. O nosso diálogo com as linguagens e as tecnologias nos possibilitou percorrer distintos caminhos, oportunizando aprendizagens que aconteceram de forma e em tempo distinto, contribuindo para a participação de todos os alunos, estes com ou sem necessidades educacionais especiais.

A pertinência desse trabalho para nossa prática profissional e até mesmo pessoal se deu quando percebemos que o melhor caminho para possíveis soluções aparece quando percebemos que a responsabilidade nunca é exclusivamente do outro, mas um pouco de cada um. Talvez uns mais, outros menos. Ao tentarmos compreender como os alunos se percebiam na problemática da água, primeiro foi preciso nos percebermos. Foi diante dessa reflexão que entendemos as nossas responsabilidades diante das crianças. Pois somos exemplos, diretos ou indiretos. E tais descobertas se deram durante os constantes diálogos entre todos os envolvidos no trabalho, indo ao encontro da metodologia adotada.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Guilherme. **Terra planeta água**. Disponível: <http://www.vagalume.com.br/guilherme-arantes/planeta-agua.html>. Acesso em: 12/05/2016.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. V. 1: Artes de Fazer.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. In: **Revista Recre@rte** Nº3 Junho 2005 ISSN: 1699-1834.

Disponível: <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/musicoterapia.htm> . Acesso em 20/03/2016.

FALA MANSÁ. **Oh! Chuva**. Disponível: <https://www.letras.mus.br/falamansa/45975/>. Acesso em: 12/05/2016.

RODRIGUES, Ivete e BARBIERI, José Carlos. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. **Rev.**

**Adm. Pública** [online]. 2008, vol.42, n.6, pp. 1069-1094. ISSN 0034-7612.<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122008000600003>

DOMINICK, Rejany dos S. **Discutindo e conceituando as tecnologias para a formação de professores na EJA e na diversidade**. Rio de Janeiro: No Prelo, 2014.

\_\_\_\_\_. **As “artes de fazer” a educação em ciclos: as tecnologias nas escolas** 2015. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 15. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008. Disponível: <http://books.google.com.br/books?id=IESxUJsE9YC&lpq=PA9&ots=8qTq8bmdJ&dq=interdisciplinaridade&lr&hl=pt-BR&pg=PA47#v=onepage&q&f=true>

LINHARES, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. In: **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 31, p. 139-160, maio-ago. 2007.

MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios\\_pessoais/vidsal.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf). Acesso em 20/03/2016.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal. O uso de diferentes linguagens na formação de professores: redefinindo os espaços de aprendizagem. In: **XIX CONGRESSO EDUCACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, 2009. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3399\\_1794.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3399_1794.pdf). Acesso: 06/02/2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

RECEBIDO EM: SETEMBRO/2016  
APROVADO EM: NOVEMBRO/2016